

# O gigante petrolífero francês ainda banca a junta de Myanmar

Via [Myanmar Now](#)

A empresa petrolífera francesa Total ainda está proporcionando receitas significativas ao conselho militar governante de Myanmar, dizem os funcionários, apesar da condenação do governo francês tanto do golpe de 1 de fevereiro como da contínua repressão mortal do regime contra os manifestantes.

Na época do relatório, a Total E&P Myanmar estava sob pressão para suspender suas operações no país, onde pelo menos 710 civis foram mortos em menos de três meses pelas forças armadas da Junta, segundo a Associação de Assistência aos Prisioneiros Políticos.

Membros do pessoal da Total falaram com Myanmar Now na condição de anonimato, e disseram que a renda das exportações de gás continua a ser canalizada para a empresa estatal Myanma Oil and Gas Enterprise (MOGE), que é controlada pelos militares.

“Não há nenhuma suspensão [das operações]. O gás natural ainda está sendo produzido e exportado para venda, e a renda gerada não foi apreendida. Ele está sendo transferido para a MOGE. Certamente está chegando à junta”, disse um engenheiro que está com a Total há quase 15 anos.

Os funcionários locais da empresa exigiram que a receita de petróleo e gás não seja paga aos cofres dos militares, de acordo com um apelo apresentado no dia 5 de março pelo Comitê de Representação de Pyidaungsu Hluttaw (CRPH), um órgão composto por legisladores eleitos destituídos no golpe.

Entretanto, os funcionários disseram a Myanmar Agora que a Total se recusou a honrar este pedido.

“Exigimos que a administração da empresa interrompesse o fornecimento de gás para a Tailândia – então não haveria renda proveniente da exportação de gás para a junta”, disse um funcionário local, referindo-se ao gás natural do campo de gás Yadana no Mar de Andaman, o maior do país.

Outra opção é congelar a renda da venda de gás, ao menos mantendo-a até que o governo democrático retorne”. Mas a administração da empresa não seguiu nosso pedido”, acrescentou o funcionário.

No final de fevereiro, a empresa petrolífera australiana Woodside Energy anunciou que suspenderia suas operações de perfuração em Mianmar, inclusive no bloco offshore A6 na bacia de Rakhine.

A Woodside e a Total detêm 40% do projeto, mas a Total tem um papel de não-operadora.

O diretor executivo da Total, Patrick Pouyanné, divulgou uma declaração em 4 de abril em resposta aos apelos para que a empresa parasse de financiar a junta, anunciando que a Total interromperia a perfuração no bloco A6.

Entretanto, um funcionário da Total em Mianmar dispensou a declaração do CEO, descrevendo-a como um “truque”.

“O A6 é operado pela Woodside- Woodside operações suspensas, não pela Total”, disse o funcionário.

Além do A6, a campanha de perfuração da Total no campo de gás de Yadana continuou durante toda a crise atual. O funcionário explicou que a administração da empresa em Mianmar havia dito que pararia de perfurar poços adicionais no local até maio, mas o funcionário observou que a decisão não foi tomada em resposta ao crackdowns letal realizado pelo regime golpista.

“A verdade é que a perfuração já estava para ser feita até essa altura”, acrescentou ele.

O funcionário salientou que a Total está programada para continuar extraíndo e vendendo gás do campo Yadana, mesmo quando a perfuração de novos poços for interrompida.

Só em 2019, a empresa trouxe quase US\$ 230 milhões em receita para Mianmar, dos quais mais de três quartos foram para a MOGE e o restante pago em impostos, informou a Reuters.

“Uma coisa a se notar sobre a Total é que eles vieram a Mianmar em 1992, logo após a revolta de 1988”, disse um funcionário a Myanmar Now, referindo-se ao amplo movimento pró-democracia que foi brutalmente esmagado pelo regime militar. “Ele está operando em regiões e países devastados pela guerra onde os ditadores governam, porque é mais benéfico para eles”, acrescentou ele.

O pessoal também levantou questões sobre seus direitos como trabalhadores que estão sendo violados. A empresa emprega cerca de 300 pessoas, das quais cerca de 90% são moradores locais. Um desses funcionários que falou com Myanmar Now relatou que a administração tinha forçado pelo menos um funcionário a se demitir depois que ele pediu para tirar licença sem remuneração em meio à repressão do regime em andamento.

“No momento, estamos com quatro semanas de trabalho e quatro semanas de descanso em casa por rodízio. Um funcionário não pôde retomar seu trabalho devido à situação atual em Yangon”, disse o funcionário, referindo-se aos tiroteios e prisões perpetrados por soldados e policiais em toda a capital comercial. “Ele pediu licença sem remuneração. Mas a administração não o permitiu e, em vez disso, o fez demitir-se. Ele teve que apresentar sua carta de demissão voluntariamente”.

Os líderes da CRPH exortaram os trabalhadores de todos os

setores em todo o país a aderirem ao Movimento de Desobediência Civil (CDM) e a se recusarem a trabalhar sob a ditadura militar. No entanto, a participação no CDM ainda não alcançou os 300 funcionários do Total, quase todos locais, acrescentou um membro do pessoal.

“No início de março, tentamos nos organizar para exigir principalmente que [Total] suspendesse o pagamento de impostos à junta, mas isso não aconteceu. O pessoal sênior que está na empresa há tanto tempo foi trabalhar ao invés de se juntar ao CDM”, disse ele.

O funcionário continuou esperançoso de que se o pessoal entrasse para o CDM como uma frente unida, eles poderiam ser capazes de parar as operações da Total.

“Se todos entrássemos no CDML, as operações da empresa certamente poderiam ser interrompidas. [Nós] não podemos ser substituídos facilmente”, disse ele, acrescentando que a Total provavelmente tentaria trazer contratados no exterior para assumir seus empregos. “Cada plataforma offshore tem uma natureza diferente, e requer familiaridade com o local. Eles não podem [aprender] isso tudo de uma só vez”, explicou ele.

Além de operar o campo de gás Yadana e deter ações no bloco de perfuração offshore A6, a Total também trabalha em pelo menos três outros blocos de águas profundas no Mar de Andaman, e no bloco Yetagun West.